
O CAMPO ÁRIDO DOS FRASEOLOGISMOS

MARILEI AMADEU SABINO*

RESUMO

No âmbito dos estudos fraseológicos, percebe-se que não há limites rígidos capazes de estabelecerem, com precisão, a diversidade de fraseologismos existentes. Não há, ainda, consenso sobre quais unidades são objetos de estudos da fraseologia, nem tampouco sobre as denominações que elas devam receber. Assim, este artigo objetiva levantar algumas questões relacionadas a diferentes denominações terminológicas empregadas por pesquisadores desse campo, as quais, longe de oferecer soluções à polêmica questão dos fraseologismos, demonstram que essa profusão terminológica pode não só atrapalhar os avanços científicos nesse domínio, como também sinaliza que ainda resta muito a ser feito na Área dos estudos fraseológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologismos, colocações, locuções, expressões idiomáticas.

INTRODUÇÃO

Ao consultar a literatura específica, é possível perceber que não há limites rígidos capazes de estabelecerem e delimitarem, com precisão, a diversidade de fraseologismos existentes. Fica evidente que ainda não há muito consenso sobre quais unidades são objetos de estudos da fraseologia, nem tampouco sobre as denominações que elas devem receber, quer dizer, não há uma concordância de ideias entre os teóricos no que diz respeito aos termos genéricos que nomeiam os diversos tipos de combinações de palavras.

Por isso, a nosso ver, os problemas fundamentais dos estudos fraseológicos estão centrados, especialmente, na profusão terminológica gerada pelos próprios estudiosos da área, na dificuldade de

* Professora-doutora da Unesp, Campus de São José do Rio Preto/SP - Brasil.
E-mail: amadeusm@ibilce.unesp.br

estabelecimento de critérios precisos para seu reconhecimento, bem como nas diferentes classificações empregadas nas pesquisas científicas desenvolvidas até o presente momento.

Disso resulta que, nos trabalhos sobre fraseologia, ao referirem-se ao seu objeto de estudo, os autores usam as mais variadas denominações, como por exemplo: *lexias complexas*; *seqüências*, *combinações ou combinatórias cristalizadas*; *sintagmas cristalizados*; *seqüências, combinações ou combinatórias fixas*; *sintagmas fixos*; *expressões fixas*; *combinações estáveis*; *expressões pluriverbais*; *unidades pluriverbais lexicalizadas*; *unidades lexicais pluriverbais*; *unidades polilexemáticas*; *frases feitas*; *fraseolexemas*; *unidades fraseológicas*; *locuções fraseológicas*; *fraseologismos*; *unidades terminológicas* – sendo estas últimas, fraseologias específicas da linguagem especializada.

Além disso, será possível observar, ao longo das discussões levantadas neste artigo, que as divergências teóricas, no que diz respeito a vários aspectos dos fraseologismos, não são poucas.

1 A FRASEOLOGIA E O SEU OBJETO DE ESTUDO

Corpas Pastor (1996) acredita que essa variedade terminológica manifesta a instabilidade sentida neste domínio do saber linguístico e, dentre as diversas denominações utilizadas para referir-se ao objeto de estudo da fraseologia, essa autora opta pela terminologia *unidade fraseológica* (UF), apresentando as seguintes justificativas para a sua escolha:

- por ser o termo mais abrangente;
- em virtude de sua aceitação e difusão, cada vez maior, em diversas partes do mundo.

Essa escolha da autora parece ter sido, pelo menos parcialmente, baseada no critério de exclusão:

a) excluiu *expressão fixa*, por fazer referência exclusivamente à fixidez, que é uma característica presente em diferentes tipos de combinação de palavras, mas que, apenas em alguns casos excepcionais, essas expressões são totalmente fixas (e nesse sentido, poderíamos excluir também os termos: *seqüências, combinações ou combinatórias fixas*; **como também** *sintagmas fixos*);

b) excluiu *unidade pluriverbal*, por conter apenas indicação sobre sua natureza, isto é, ser formada por, pelo menos, duas palavras ortográficas (e nesse sentido poderíamos excluir também os termos: *expressões pluriverbais*; *unidades pluriverbais lexicalizadas*; *unidades lexicais pluriverbais*; *unidades polilexemáticas*).

Concordamos com todos os argumentos apresentados por Corpas Pastor (1996), ao escolher *unidade fraseológica* como o termo genérico que serve para designar o objeto de estudo da fraseologia. Isso se deve ao fato de a unidade fraseológica possuir muito mais características do que apenas a *fixidez* e a *polilexicalidade*. Por essa razão, também adotamos essa denominação.

2 UNIDADES FRASEOLÓGICAS: CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÃO

No que tange às particularidades das unidades fraseológicas, Corpas Pastor (1996) parece razoável ao admitir que elas possuem as características arroladas no quadro a seguir. Cabe esclarecer, todavia, que os comentários entre parênteses são nossos.

Quadro 1

AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS DIFERENCIAM-SE DE OUTRAS LEXIAS:	
•	por serem expressões formadas por <i>várias palavras</i> (embora discordemos parcialmente dessa afirmação, por acreditarmos que devam ser consideradas as combinações formadas por, <i>pelo menos, duas</i> palavras) – grifos nossos;
•	por estarem institucionalizadas (ou convencionalizadas) pela comunidade falante;
•	por serem estáveis em diversos graus (que englobam tanto a <i>estabilidade formal</i> – o que significa que algumas unidades fraseológicas podem ter um grau menor de estabilidade, ao passo que outras podem ser altamente estáveis ou até mesmo fixas; quanto a <i>estabilidade semântica</i> – que reflete nas peculiaridades de sentido que apresentam);
•	por apresentarem certas particularidades sintáticas ou semânticas;
•	pela possibilidade de variação de seus elementos integrantes, seja como variantes lexicalizadas na língua, ou como modificações ocasionais no contexto.

Nesse sentido, concordamos com essa autora quando admite que as características mais relevantes das unidades fraseológicas são:

Quadro 2

•	A frequência , tanto de uso dessas combinatórias, quanto de coocorrência de seus elementos constitutivos;
•	A institucionalização , sinônimo de convencionalização pela comunidade falante, graças, principalmente, à frequência de ocorrência e a sua fixidez formal e semântica;
•	A estabilidade , no sentido de <i>fixidez formal</i> e de <i>fixidez de conteúdo</i> (ou peculiaridades semânticas), aspectos estes estritamente relacionados, dado que a <i>fixidez formal</i> leva à <i>mudança semântica</i> ;
•	A idiomaticidade , propriedade semântica de certas unidades fraseológicas, ¹ em que o significado global não corresponde à somatória do sentido de cada um de seus elementos constituintes;
•	A variação , uma característica presente em algumas UFs que possuem variantes (variações léxicas), entendidas como formas alternativas parcialmente idênticas em sua estrutura e componentes e que não apresentam diferenças de sentido;
•	A gradação , que baseia-se nos critérios de <i>grau de restrição colocacional</i> (ausência de restrição, restrição parcial e restrição total); de <i>fixidez sintático-estrutural</i> (regular, regular com restrições e irregular) e de <i>opacidade semântica ou idiomaticidade</i> (semânticamente transparentes, metafóricas, semitransparentes e opacas) – grifos nossos.

Dentre algumas definições propostas para fraseologismos ou unidades fraseológicas – já que muitos consideram ambas as designações sinônimas – aquela proposta por Corpas Pastor (1996, p. 20) parece-nos bastante razoável. Observe-se:

(Unidades fraseológicas) são unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior situa-se no nível da oração composta. Tais unidades caracterizam-se por sua alta frequência de uso, e de coocorrência de seus elementos integrantes; por sua institucionalização, entendida em termos de fixidez e especialização semântica; por sua idiomaticidade e variações potenciais, assim como pelo grau em que ocorrem todos estes aspectos nos diferentes tipos. (Tradução nossa)

Na definição de Unidades Fraseológicas proposta por Corpas Pastor não concordamos, contudo, com o fato de as “unidades léxicas serem formadas por mais de duas palavras gráficas”, visto que, desse modo, ficam excluídas dos fraseologismos combinações de duas palavras, tais como: *dar pé*; *tomar pé*; *perder pé*; *arredar pé* – para citar apenas algumas, dentro do campo semântico de *pé*, por exemplo.

Na nossa concepção, os fraseologismos são combinações formadas por pelo menos duas palavras gráficas. E desse modo discordamos, ainda, de *Xatara e Rios (2007, p. 58) que consideram fraseologismos palavras simples também.*

3 UNIDADES FRASEOLÓGICAS E ALGUMAS PROPOSTAS DE CLASSIFICAÇÃO

Dentre várias concepções propostas por autores como Zuluaga (1980), Tagnin (1989), Corpas Pastor (1996), Biderman (2005) e outros, na tentativa de delinear melhor os fraseologismos, deparamo-nos com uma gama de termos usados para designarem diferentes tipos de combinações fraseológicas.

Embora comparações entre terminologias de vários autores possam gerar muita controvérsia, vamos tocar apenas em alguns pontos para elucidar como a profusão terminológica e classificatória nesse campo é grande e, por vezes, até mesmo contraditória.

Iniciamos a discussão com o termo *colocação*. Para Zuluaga (1980), as colocações são construções linguísticas compostas, intermediárias entre livres e idiomáticas, já que apresentam traços comuns a ambas. Diferem dos sintagmas livres porque estão consagradas pelo uso repetido que lhes confere certa fixação arbitrária. Ele cita *subir na vida*, que contrasta com *escalar na vida*, por exemplo. No entanto, embora este autor afirme que as colocações não apresentam problemas de decodificação, por serem perfeitamente compreensíveis e *transparentes* para os falantes que conhecem cada um dos seus componentes, ele declara que em muitas combinações existem elementos com sentido metafórico ou figurado, como em *matar o tempo*.

Segundo Tagnin (1989), o termo *collocation*, introduzido pelo linguista J. R. Firth, designa casos de coocorrência léxico-sintática, ou seja, palavras que usualmente “andam juntas” e complementa dizendo que esse termo é equivalente ao que ela denomina *coligação*. No entanto, Tagnin decide seguir a terminologia de Fillmore, chamando de colocação apenas os casos em que a coocorrência dos elementos é extremamente restrita, exemplificando, em português, com *velho/velha coroca* e *louco/doido varrido*.

Corpas Pastor (1996), por outro lado, define *colocações* como unidades fraseológicas *completamente livres*, do ponto de vista do

sistema da língua, mas que, ao mesmo tempo, *apresentam certo grau de restrição combinatória determinada pelo uso*, isto é, *certa fixação interna* (ex: *chorar amargamente; desempenhar um cargo, uma função ou um papel; assumir uma responsabilidade; relação estreita; uma barra de chocolate; um dente de alho* etc.). Esses dois últimos exemplos que foram apresentados por Corpas Pastor como *colocações* (*uma barra de chocolate* e *um dente de alho*) são classificados por Tagnin (1989) como *expressões especificadoras de unidade*.

Para Biderman (2005, p. 751), as “colocações são sequências semanticamente transparentes, formadas de itens lexicais que geralmente coocorrem”. No entanto, ao fornecer alguns tipos de exemplos do português, a autora inclui neles as colocações: *bancar o palhaço; entregar o ouro e ter cara de pau*, os quais, a nosso ver, não são combinações semanticamente transparentes, contrariando, assim, a sua afirmação.

No que tange às classificações de fraseologismos, propostas por alguns autores, Corpas Pastor (1996, p. 34) percebe que:

- Casares (1992[1950]) faz distinção entre *locuções e fórmulas pluriverbais* (isto é, frases proverbiais e refrãos), sendo a segunda categoria, “uma entidade léxica autônoma que se distingue das locuções” por não ser apenas um elemento oracional, mas por funcionar como oração principal.

- Zuluaga (1980) faz distinção entre *locuções e enunciados fraseológicos*, estes últimos subdivididos em *frases* – enunciados fraseológicos contextualmente marcados, que não são considerados textos porque dependem do contexto linguístico ou pragmático para o seu funcionamento (e aqui ficam incluídos os *clichés*, como *Era uma vez*; as *fórmulas* do tipo *Bom dia*; e os *ditos populares*); e em *textos* – enunciados fraseológicos funcionalmente livres, que são considerados textos (e aqui estão incluídos os *refrãos*).

- Carneado Moré (1985) faz distinções entre (1) *aderências* – unidades (ou fraseologismos) completamente imotivadas, de significado metafórico, que cumprem funções oracionais (como *ter um parafuso a mais/a menos/frouxo*); (2) *unidades* – que possuem caráter relativamente motivado (como *meter a boca* = procurar briga, provocar); (3) *combinações* – que são formadas por várias palavras,

dentre as quais uma que atualiza uma acepção especial, em virtude de sua relação com as demais (como em *reinar o silêncio*); (4) *expressões fraseológicas* – em que estão incluídos os *refrãos*, *provérbios*, *clichês* e outras combinações predicativas de palavras e orações.

Corpas Pastor (1996), por sua vez, faz distinções entre *colocações* (fixadas na norma), *locuções* (fixadas no sistema) e *enunciados fraseológicos* (fixados na fala), subdividindo estes últimos em *parêmias* (enunciados de valor específico; citações e refrãos); e *fórmulas de rotina* (fórmulas discursivas e fórmulas psicossociais).

Quanto às *fórmulas situacionais* ou *de rotina*, tratadas por Copras Pastor (1996), observa-se que Tagnin (1989) também as aborda, mas há bastante diferença em suas concepções e classificações. Tagnin define as *fórmulas situacionais* como expressões fixas que são empregadas em determinadas situações, isto é, expressões pré-fabricadas, também conhecidas como “clichês”, às quais se recorre continuamente, quando necessário, podendo ser opcionais ou obrigatórias. E as subdivide em: (1) *fórmulas situacionais sintáticas* (*fórmulas de polidez*: *Será que eu poderia...?*; e *fórmulas de distanciamento*: *Você gostaria de...?*); (2) *fórmulas fixas* (de expressão não obrigatória, mencionadas como comentário, em situações diversas), as quais também são subdivididas em *frases feitas* (*Não seja infantil!*; *O gato comeu a sua língua?*); *citações* (*Ser ou não ser, eis a questão!* – Shakespeare) e *provérbios* (*Ao bom entendedor, meia palavra basta.*); e (3) *fórmulas de rotina* – que são as fórmulas situacionais propriamente ditas, de caráter obrigatório, cuja ausência implica a ruptura das convenções sociais. Podem ser de: *saudações* (*Olá!*; *Bom-dia*; *Até logo*); *agradecimentos* (*Obrigado(a)*; *É muito gentil de sua parte*); *desculpas* (*Sinto muito*; *Não tive a intenção*); *votos* (*Feliz aniversário*; *Parabéns*; *Muitas felicidades*) etc.

Já Copras Pastor, sob o nome de *enunciados fraseológicos*, aborda as *parêmias* (*enunciados de valor específico*; *citações* e *refrãos*) e as *fórmulas rotineiras*, as quais ela divide em *fórmulas discursivas* – *de abertura e encerramento* (*Como vai?*/*Até logo!*) – e *de transição* (*Vamos ver!*); e em *fórmulas psicossociais*: *expressivas* (*Perdão/com licença*); *comissivas* (*Te dou a minha palavra*); *diretivas* (*O gato comeu a sua língua?*); *assertivas* (*Não me diga!*; *Era só o que faltava!*); e *rituais* (*Bom-dia! Você por aqui?*).

Tagnin (1989) também trata, separadamente, *os coletivos* – que parecem possuir sempre sentido composicional (ex: *um bando de pássaros; um rebanho de bois; uma matilha de cães; um enxame de abelhas; um cardume de peixes* etc.); e os *binômios* – que podem tanto possuir sentido literal (ex: *lucros e perdas; cama e mesa; cães e gatos; senhoras e senhores*), quanto sentido idiomático (ex: *de mala e cuia; aos trancos e barrancos*).

Por essa breve discussão, já é possível evidenciar quão difícil é transitar na área dos estudos fraseológicos, sobretudo porque são inúmeras as divergências teóricas em relação a vários aspectos dos fraseologismos.

A seguir, traremos à baila algumas discussões a respeito de *Locuções* e de *Expressões Idiomáticas*.

3. 1 Locuções

Corpas Pastor (1996) chama as expressões cujo significado global não corresponde à somatória do sentido de cada um de seus elementos, de *locuções*, mas reconhece que este termo também engloba expressões não metafóricas.

No *Diccionario de Linguística* (Cerdá Massó, 1986),² locução é uma *construção fixa integrada por um conjunto de palavras com significado unitário e gramaticalmente equivalente, em geral, a um elemento único capaz de desempenhar diferentes funções gramaticais* (Diccionario de Linguística DDL, 1986; tradução nossa).³

Nas gramáticas tradicionais de língua portuguesa, encontramos também os seguintes exemplos: de *locuções adverbiais* (*às pressas; de propósito; de frente; de repente; em silêncio; sem dúvida; à direita; à distância; por perto* etc.); de *locuções prepositivas* (*ao lado de; acima de; depois de; por causa de; junto a; de acordo com; em torno de*); de *locuções pronominais* (*cada qual, quem quer que, seja quem for* etc.); de *locuções interjectivas* (*Ai de mim!, raios te partam!, valha-me, Deus!*); de *locuções conjuntivas* (*antes que, até que, sem que, para que, desde que* etc.); de *locuções verbais* (*está mudando, andou pensando, vinha nascendo, ia contando* etc.).

Casares (1992), no entanto, amplia o conceito de *locução*, o qual passa a incluir não só as unidades que possuem uma função determi-

nada na frase, mas também a abranger elementos oracionais. Além do mais, o sentido da locução, para Casares, *não se justifica pela soma do significado normal dos componentes*, o que faz referência a sentidos idiomáticos.

Mais tarde, Corpas Pastor (1996) também conceitua *locução* de forma bastante ampla, de modo que sua concepção também abarca outros tipos de combinações diferentes das tradicionais locuções apresentadas pelas gramáticas. Para ela, *locuções* são unidades fraseológicas do sistema da língua com as seguintes características distintas: fixidez interna, unidade de significado e fixidez externa. A autora acrescenta, ainda, que a coesão semântica reflete-se no caráter de unidade de significação que tais unidades apresentam na língua, seja em seu significado composicional (ex: *sano y salvo* = “são e salvo”), seja em seu significado translato (ex: *meterse en camisa de once varas* = “entrar/colocar alguém numa fria”).

Entretanto, essa autora assume que optou pelo termo tradicional *locução*, que considera ser uma denominação alternativa para *expressão idiomática*, para evitar que as locuções fossem entendidas como combinações que apresentam sempre sentido translato. E de fato, percebe-se que, em sua concepção, as locuções podem tanto ter sentido composicional (ou literal), quanto translato.

No nosso entender, parece evidente que nem todos os tipos de locuções são propensos a darem origem a expressões metafóricas ou de sentido idiomático. As locuções denominadas *conectivas* por Casares (1992) parecem ser aquelas que menos favorecem o surgimento de expressões idiomáticas, quer dizer, a grande maioria delas possui sentidos literais ou transparentes, como se pode observar nas locuções *conjuntivas* (*dado que, desde que, a fim de que, visto que, enquanto isso*), bem como nas *prepositivas* (*detrás de, apesar de, em cima de, com vistas à*). Por outro lado, as locuções *conceituais ou significantes* parecem ter maior predisposição ou serem mais suscetíveis de darem origem a expressões idiomáticas, em especial as locuções: *nominais* (*vacas magras; mosca morta; lágrimas de crocodilo*); *adjetivas* (*ligeiro de mão*); *verbais* (*custar o olho da cara; não ter eira nem beira*); *adverbiais* (*com o coração na mão; de pernas para o ar; ao pé da letra*).

A seguir, serão abordadas as Expressões Idiomáticas.

3.2 Expressões idiomáticas

Domesmo modo que convivemos com uma profusão terminológica nos estudos fraseológicos, que dificulta o estabelecimento de critérios precisos para o reconhecimento e a classificação dos fraseologismos, o mesmo acontece com um dos tipos de fraseologismos, tradicionalmente conhecido por *Expressão Idiomática*.

A designação *Expressões Idiomáticas* não consta do esquema de classificação dos fraseologismos de nenhum dos autores anteriormente citados, exceto do de Tagnin (1989).

Em trabalhos sobre fraseologismos, por vezes os autores referem-se àquilo que chamaremos aqui de *Expressões Idiomáticas*, usando a seguinte terminologia: *locuções* (CASARES, 1992[1950]; CORPAS PASTOR, 1996); *locuções fraseológicas* (BALLY, 1951); *expressões fixas* (ZULUAGA, 1980); *aderências* (CARNEADO MORÉ, 1985); *sintagmas estereotipados/perífrases léxicas* (COSERIU, 1986 [1977]); *sintagmas cristalizados/unidades complexas do léxico* (BIDERMAN, 2005).

Neste trabalho, consideraremos a definição de *Expressão Idiomática* (EI) proposta por Xatara (1998, p. 17), em sua tese de doutorado, em que a define como *uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural*. Desse modo, na identificação de uma EI, não se pode ignorar as características de *indecomponibilidade*, de *conotação* e de *cristalização*.

No que se refere à *indecomponibilidade*, a autora argumenta que, para que as lexias complexas possam ser consideradas idiomáticas, é necessário que elas constituam uma combinatória fechada, ou seja, elas não podem apresentar quase nenhuma possibilidade de substituição por associação paradigmática. Sendo assim, as EIs constituem sintagmas indecomponíveis de distribuição única ou muito limitada, já que seus componentes não podem ser dissociados sem prejuízo de sua interpretação semântica e esta última não pode ser calculada com base nos significados individuais de seus elementos. Ou seja, não é possível calcular o significado de uma EI pela interpretação das palavras que a constitui, tomadas isoladamente.

Em relação à *conotação*, Xatara (1998) pondera que para uma expressão ser conotativa ou idiomática, seu significado precisa ser outro que não aquele originado com base na soma dos significados

individuais de seus componentes. Assim, os componentes da EI perdem sua identidade semântica, designando outra coisa que não aquela que lhe é própria. A autora reconhece, ainda, a existência de EIs que também podem ser interpretadas em seu sentido literal. No entanto, quando entendidas literalmente, essas lexias deixam de ser consideradas EIs, pois não funcionam como um todo conotativo e indecomponível, e seu significado pode ser calculado a partir da soma de seus componentes (ex: estender a mão).

Por fim, no que diz respeito à *cristalização*, para que uma lexia seja considerada uma EI, é necessário que tenha seu uso consagrado pela tradição cultural do grupo linguístico em que ela foi criada. É, portanto, justamente a cristalização de uma EI, também determinada pela história sócio-linguístico-cultural de um povo, que lhe confere sua estabilidade.

Segundo a autora, essa estabilidade, porém, é relativa, pois se tem consciência de que a língua se transforma ao longo do tempo, já que o falante participa da construção e cristalização dos usos e significados linguísticos. Dessa forma, para que uma lexia seja uma EI, é necessário que seu uso seja ou tenha sido frequente por um número considerável de pessoas, quer dizer, deve ser constatada a frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes daquela língua e é este o processo denominado “cristalização”.

Tagnin (1989, p. 42-45) também propõe uma distinção entre o que denomina *expressões convencionais*, que são estruturas consagradas, mas com significado transparente ou literal (ex: *estar aberto para discussão; estar de folga; para seu próprio bem*) e *expressões idiomáticas*, cujo sentido é não composicional, não transparente, isto é, seu significado não é previsível ou *não resulta da somatória dos significados de suas partes*.

Além disso, a autora reconhece que *a idiomaticidade de uma expressão pode ser apenas parcial*, ou seja, é um aspecto que pode existir em maior ou menor grau. Por isso, afirma que muitas expressões podem não ser totalmente idiomáticas, mas podem *apresentar maior ou menor grau de idiomaticidade*. Desse modo, sendo a idiomaticidade uma questão de grau, Tagnin sugere analisar as expressões idiomáticas numa escala: na parte mais baixa, estariam as expressões menos idiomáticas; e na mais alta, as que são totalmente idiomáticas. As

expressões denominadas “menos idiomáticas” são aquelas “em que apenas um ou alguns de seus elementos são idiomáticos”, ou ainda, “as expressões metafóricas cuja imagem seja de fácil decodificação”; já as “totalmente idiomáticas” são aquelas “em que nenhum de seus constituintes contribui com seu significado, para o significado total da expressão” (TAGNIN, 1989, p. 47).

Preocupadas com o processo de tradução das expressões idiomáticas de um idioma a outro, Tonfoni e Turbinati (1995) acreditam que um dos grandes problemas a serem enfrentados é o da metaforicidade. Segundo elas, a tradução da metáfora é bastante dificultosa, pois a própria metáfora transmite uma mensagem veiculada por uma imagem expressa que não corresponde literalmente ao que a metáfora apresenta, ou seja, não há correspondência entre o nível semântico e o pragmático da expressão. Essas autoras descrevem, então, três níveis de dedutibilidade de nível pragmático, que são:

Quadro 3

•	alta dedutibilidade (expressão metafórica com nível pragmático imediatamente dedutível);
•	média dedutibilidade (expressão metafórica com nível pragmático que depende do nível semântico);
•	baixa ou nula dedutibilidade (expressão metafórica sem ligação aparente entre o nível pragmático e o nível semântico).

Portanto, pelo exposto e com base nos autores anteriormente citados, acreditamos ser possível esboçar **as características mais relevantes** das expressões idiomáticas:

Quadro 4

CARACTERÍSTICAS DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	
•	Possuem configuração multivocabular (são constituídas de duas ou mais palavras).
•	São lexias complexas indecomponíveis , ou seja, constituem combinatórias fechadas de palavras. Isso quer dizer que essas palavras estão dispostas em uma ordem invariável e não podem ser separadas por outras. Contudo, embora bastante restrita, em algumas Els há a possibilidade de inclusão de algum elemento lexical.

•	Apresentam quase nenhuma possibilidade de substituição por associação paradigmática, pelo fato de serem combinatórias fechadas (ou combinações estáveis). Todavia, por vezes, admitem a possibilidade de comutação de algum de seus elementos constituintes, como em <i>Não entender patavina</i> e <i>Não entender bulhufas</i> , mas ainda assim pode-se entender que são combinações já consagradas como tal e que funcionam como variantes uma da outra.
•	Possuem sentido conotativo , não podendo ser interpretadas literalmente (pois perderiam seu sentido figurado), quer dizer, seu significado não pode ser calculado a partir da soma dos significados individuais de seus componentes. Ex: <i>bater as botas</i> .
•	Podem apresentar maior ou menor grau de idiomaticidade : (1) opacidade semântica baixa (sentido semitransparente ou metafórico, mas cuja imagem seja de fácil decodificação = “metáfora desgastada”); (2) opacidade semântica média (idiomaticidade apenas parcial); ou (3) opacidade semântica alta (sentido completamente opaco ou não dedutível a partir dos elementos constituintes da expressão).
•	São combinatórias crystalizadas e convencionalizadas , quer dizer, é necessário que sejam facilmente reconhecidas e que tenham seu uso consagrado pela tradição cultural do grupo linguístico em que foram criadas.
•	Devem ser ou já terem sido frequentes por um número considerável de falantes da língua, em consequência da convencionalização pelo grupo linguístico.
•	Algumas EIs apresentam variantes (variações léxicas) , entendidas como formas alternativas, parcialmente idênticas em sua estrutura e componentes e que não apresentam diferenças de sentido. Ex: <i>de cabo a rabo</i> ; <i>de fio a pavio</i> ; // <i>Não entender patavina</i> ; <i>não entender bulhufas</i> .
•	São combinatórias estruturalmente constituídas por enunciados incompletos, que necessitam ser atualizadas no discurso, no que se refere ao sujeito, verbo ou aos complementos.

E por fim, contrastaremos os dois fraseologismos discutidos: locuções e expressões idiomáticas.

3.3 Locuções e expressões idiomáticas

Como vimos, ao contrário de Corpas Pastor (1996), Xatara (1998) opta por denominar as combinações que possuem sentido translato ou idiomático de *expressão idiomática*, como o próprio nome sugere.

Corpas Pastor (1996) diz que *expressão idiomática* é uma denominação alternativa para o termo tradicional *locuções*, escolhido por ela. No entanto, essa autora justifica sua escolha pelo termo

locuções, em vez de *expressões idiomáticas*, porque acredita que, com este último termo, correria o risco de indicar erroneamente que todas essas unidades (as locuções) possuem significado translato, isto é, figurado, metafórico.

De fato, em sua concepção, as locuções podem tanto ter sentido composicional (ou literal), quanto translato. Não obstante, as locuções que despertam mais interesse e que são objetos de estudo de Corpas Pastor (1996) parecem ser, quase exclusivamente, aquelas de sentido translato e por isso, ao referir-se ao termo *locuções*, essa autora parece aludir apenas às combinações metafóricas ou figuradas – o que a nosso ver acaba colaborando, ainda mais, com o aumento de dissensão e divergência entre os teóricos, no que tange às classificações e aos objetos de estudo, de cada estudioso, no âmbito da fraseologia.

Em resumo, dizemos que o termo *a locução* (conforme entendida por Corpas Pastor) pode ou não ter sentido conotativo ou metafórico (isto é, pode ser uma *locução idiomática* ou *não idiomática*). Já a *expressão idiomática*, como o próprio nome sugere, tem sempre sentido opaco ou idiomático, em maior ou menor grau, conforme é possível observar pelos exemplos a seguir:

Ex1: Li este livro *da capa à contracapa / do começo ao fim*
(locuções de sentido denotativo)

Ex2: Li este livro *de cabo a rabo / de fio a pavio*.
(locuções de sentido conotativo e *expressão idiomática*).

Assim, conclui-se que, quando a *locução* tem sentido *metafórico* ou *translato*, é também sinônimo de *expressão idiomática*, uma vez que suas propriedades inerentes coincidem com aquelas desta última. Portanto, toda EI pode ser considerada uma locução, mas nem toda locução é uma EI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitando a literatura, o objetivo deste artigo foi, primeiramente, promover uma discussão a respeito dos fraseologismos linguísticos. Apesar de existir uma diversidade de fraseologismos nas línguas naturais, não há um consenso a respeito dos termos nomeadores dos

diferentes tipos de combinações de palavras existentes, nem critérios norteadores bem precisos que possam ser úteis ao reconhecimento acertado de cada tipo de fraseologismo, com base nas delimitações de cada um.

Isso se deve, especialmente, à falta de concordância de ideias entre os teóricos da Área. Em consequência, convivemos com uma grande profusão terminológica que pode, inclusive, atrapalhar os avanços científicos na Área.

Apesar disso, contudo, objetivamos demarcar alguns limites entre tipos de fraseologismos com denominações distintas, tais como colocações, locuções e expressões idiomáticas, centrando-nos, sobretudo, nas chamadas *expressões idiomáticas*.

Somos cientes, todavia, de que as considerações feitas neste artigo estão longe de oferecer soluções duradouras à polêmica questão dos fraseologismos. O propósito das discussões levantadas, ao contrário, foi sinalizar que ainda resta muito a ser feito na Área dos estudos fraseológicos.

THE ARID FIELD OF PHRASEOLOGY

ABSTRACT

In the field of phraseological studies, it is clear that there are no strict limits able to establish accurately the various types of word combinations. There is not even a general agreement on what units are objects of study of phraseology, nor what names they should receive. Therefore, this paper aims to raise some issues related to the different terminology used by researchers in this field, which far from providing solutions to the controversial question of phraseologisms, show that terminological profusion can not only hinder scientific advancements in this field, but also indicate that much remains to be done in the area of phraseological studies.

KEY WORDS: Phraseologisms, collocations, idioms.

NOTAS

- 1 Tristá Pérez (1979 e 1980), ao distinguir dois tipos de fraseologismos, também aceita a ideia de que nem todo fraseologismo possui sentido idiomático, existindo aqueles que podem apresentar sentido literal, como

se pode verificar a seguir: (a) fraseologismos nos quais se encontram um “indicador mínimo” ou “elemento identificador” em sua estrutura interna que indica sua condição de unidade fraseológica, o qual pode ser (1) de caráter semântico ou (2) léxico; (b) fraseologismos nos quais não se encontram, em sua estrutura interna, o elemento identificador. Nesses casos, a UF tem uma sequência literal homônima, da qual se diferencia exatamente pela estabilidade e metaforicidade da primeira, e costuma ser possível deduzir parcialmente o significado unitário dessas unidades, a partir de seus elementos constitutivos. Ex: *tender la mano* (= estender a mão).

- 2 Cerdá Massó, R. (Coord.). *Diccionario de Lingüística (DDL)*. Anaya: Madrid, 1986.
- 3 “Construcción fija integrada por un conjunto de palabras con significación unitaria y gramaticalmente equivalente, por lo general, a un elemento único capaz de desempeñar distintas funciones gramaticales”.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (Orgs.). *Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela*. 1. ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>. Acesso em: 3, fev. 2009.
- BALLY, C. *Traité de stylistique française*. 3. ed. v. 1. Paris: Klincksieck, 1951.
- CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: C.S.I.C., [1950]1992.
- CARNEADO MORÉ, Z. V. Algumas consideraciones sobre el caldal fraseológico del español hablado en Cuba. In: CARNEADO MORÉ, Z. V.; TRISTÁ PÉREZ, A. M. (Orgs.). *Estudios de fraseología*. Cuba: La Habana (Academia de Ciencias de Cuba), 1985. p. 7-38.
- CERDÁ MASSÓ, R. (Coord.). *Diccionario de lingüística*. Madri: Anaya, 1986.
- CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología Española*. Madrid: Gredos, 1996.
- COSERIU, E. *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos, [1977]1986.
- TAGNIN, S. O. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.
- TONFONI, G.; TURBINATI, L. Visualizzazione dei processi di traduzione: i proverbi e le espressioni idiomatiche. In: AA.VV. *La traduzione. Saggi e documenti*. II,

Roma, Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Divisione Editoria, 1995. p. 239-252.

TRISTÁ PÉREZ, A. M. Estructura interna de las unidades fraseológicas. *Anuario do Instituto de Literatura e Linguística da Academia de Ciências de Cuba*, v. 10/11, 1979-1980. p. 93-103.

XATARA, C. M. *A tradução para o português das expressões idiomáticas em francês*. Tese (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

XATARA, C. M.; RIOS, T. H. C. O estudo contrastivo dos idiomatismos: aspectos teóricos. *Caderno Seminal Digital*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p. 54-65, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/seminal_VII.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2009.

ZULUAGA, A. *Introduccion al estudio de las expresiones fijas*. Franckfurt, Verlag, 1980.